

O COMERCIO

DA PÓVOA DE VARZIM

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
OFICINAS DO COMERCIO - Tel. 82391

JORNAL REPUBLICANO E DEFEN-
SOR DOS INTERESSES LOCAIS

Director, Editor e Proprietario
Manuel Agonia Frasco

por FLÁVIO GONÇALVES

Entretanto resolvera o *Club Naval Povoense* levantar junto á praça um monumento ao heróico «Cego do Maio», símbolo da bravura do pescador da Póvoa de Varzim. Em Fevereiro de 1908, no momento de se escolher o artista que modelaria o busto, recorreu o *Club Naval* ao conselho do poveiro Rocha Peixoto, pedindo-lhe a indicação de um escultor competente e de peritos que depois viessem a julgar o trabalho apresentado. «Sempre solícito em tudo quanto dizia ao bom nome desta sua terra e nossa terra» — como mais tarde relatou a comissão executiva do monumento — o director do *Museu Municipal* do Porto aceitou a incumbência e indicou Romão Júnior para autor do busto, organizando também, para apreciar a maquette, um júri formado pelo escultor Teixeira Lopes, pelo pintor Marques de Oliveira e por ele próprio, Rocha Peixoto. Morreu o

natal legando os seus livros á *Biblioteca pública* da vila. O seu testamento, datado de 26 de Dezembro de 1907, diz textualmente: «Da minha pequena biblioteca escolherei as minhas herdeiras (4) os livros que bem quizerem; os restantes, não apartados para ellas, lego-os á Câmara Municipal da Póvoa de Varzim, para augmento da sua *Biblioteca*, devendo serem-lhe entregues dentro do prazo d'um anno». Por um documento inédito existente na *Biblioteca Municipal* poveira sabe-se que o número dos volumes entregues foi de 279! Actualmente o núcleo principal da *Biblioteca* continua a ser o da oferta de Rocha Peixoto — livros de História, Etnografia, Arqueologia, Arte, Ciências Naturais, Bibliografia, etc. — motivo suficiente, segundo julgo, para que a essa *Bibliote-*

SALPICOS...

por ANTÓNIO GAMALIER

Já não existem mulheres feias. Todas são bonitas. É uma questão de corrigir a natureza! Até a própria idade tornou-se uma ninheria que não conta no tempo. Quarenta anos, ante um espelho sagaz e inteligente na mesinha de uma cómoda cheia de ingredientes, pastos e coloridos, convertem-se facilmente numa radiosa e vito-

riosa Primavera. Questão de make-up.

Como vêm, já não existe juventude nem senetude! O tempo pára, silencioso e discreto, á porta do boudoir, antevendo na lâmina fulgente o claror de rosa de um corpo desnudo, que pode ser o Dafné, sem Apolo perseguidor, deixando á vontade que a mulher se torne irresistível, capitosa, fatal, de juba loira, ardente e luminosa, tal o sol de Maio, ou flamejante e abrasadora como uma morena vulcão.

A beleza tornou-se já banal e comum.

A Rua Cinco de Outubro, o Passeio Alegre, artérias da nossa encantadora Póvoa, são uns verdadeiros jardins de Allah.

E quando surge a época balnear, só as feias indiscutíveis, irreduzíveis se distinguem e, digamos até, romanticamente se preferem. São menos orgulhosas e mais femininas!

★

Sem duvida alguma que a Póvoa não pára no seu incessante trabalho de profundidade, que tende a valorizá-la continuamente, colocando-a a par de outras terras de igual categoria.

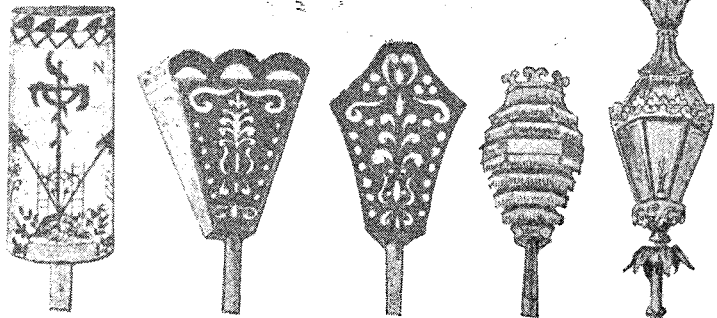
Póvoa de Varzim, uma das terras mais progressivas do norte do país, com uma praia das mais frequentadas, continua também á frente das iniciativas particulares.

Chega-nos a notícia, aliás bastante agradável, da criação de um Posto de Enfermagem Permanente, que funcionará a partir de Janeiro, na Praça da República, na casa onde estava instalada até há pouco a Secretaria Notarial.

Obra de largo alcance no capítulo essencial, fica devida a bons poveiros que não olhando a qualquer espécie de poimenores, tra-

Continua na página 4

Continua na página 2



Lanternas usadas pelos poveiros nas processões da Senhora Santa (Ilustrações do estudo de Rocha Peixoto acerca da «Iluminação Popular»)

insigne escritor precisamente nas vésperas do exame feito pelo júri — que reuniu em 10 de Maio de 1910 no *ateliê* de Romão Júnior, no Porto, aprovando o projecto da escultura, já então em barro (1). Aliás, em outras obras da Póvoa de Varzim terminadas após o falecimento de Rocha Peixoto se ficou a sentir a influência deste. Na reforma do edificio dos Paços do Concelho, prolongada entre 1907 e 1910, a qual alterou bastante o interior da construção e enriqueceu a decoração da fachada principal, seguiram-se indicações e esgossões dadas ainda por Rocha Peixoto (2).

ca Municipal se dá o nome do illustre e dedicado poveiro.

A morte de Rocha Peixoto provocou o maior sentimento na Póvoa de Varzim. A pedido da Câmara Municipal o corpo do escritor trasladou-se para o cemitério daquela vila, e o seu funeral, realizado em 16 de Maio de 1909, teve uma importância como a Póvoa nunca vira! Os jornais da vila consagraram páginas inteiras, por mais de um número, á memória do cientista, sublinhando todos, além da alta craveira intelectual de Rocha Peixoto, o seu espírito bondoso e baírrista. Na primeira

sessão da Câmara Municipal realizada depois da sua morte, aos 10 de Maio, o presidente dr. David Alves fez o elogio do distinto etnógrafo e propôs se «xarasse na acta um voto de profundo sentimento e pesar» e se suspendesse a sessão em sinal de luto (5). Um vereador, associando-se á homenagem, tomou a palavra para recordar o amor do extinto á Póvoa de Varzim: «Rocha Peixoto era um enamorado da sua Póvoa» — afirmou —, «era um apaixonado, direi mais, um fanático pela terra que lhe foi berço. Era de ver como se entusiasmava com os seus progressos, com que afã a defendia pela palavra e pela pena; como lhe riam os olhos com



Póvoa de Varzim. Monumento ao «Cego do Maio», cujo autor, o artista Romão Júnior, foi escolhido por Rocha Peixoto

PLANO NACIONAL DE VACINAÇÃO

Uma iniciativa da Direcção-Geral de Saúde que precisa da colaboração de todos

A Liga Portuguesa de Profilaxia Social, que desde os primeiros dias da sua fundação vem empenhando o melhor dos seus esforços e possibilidades no sentido de melhorar cada vez mais o estado sanitário da grez, através de uma propaganda intensa das terapêuticas preventivas ou curativas aconselháveis, não poderia ficar indiferente ao PLANO NACIONAL DE VACINAÇÃO, iniciativa grandiosa e oportuníssima da Direcção-Geral de Saúde a que são devidos todos os louvores. Contribuir para o êxito desta campanha é um dever que a todos obriga. Esse dever não o enjulia a Liga Portuguesa de Pro-

filaxia Social, certa de que a sua colaboração será benéfica aos fins que se perseguem: uma ampla e decisiva melhoria da saúde pública. Esta, a razão das considerações que seguem:

Entre nós é ainda muito grande e bem pesada a incidência de algumas doenças que atingem mais particularmente as crianças.

Se quase nos podemos libertar da tosse consensual, da difteria, do tétano e da poliomielite, se foi possível conseguir a erradicação da varíola e se a tuberculose pôde diminuir grandemente a sua incidên-

Continua na pág. 2

«A Casa dos Poveiros, do Rio tem larga projecção entre as agremiações portuguesas ali radicadas»

Noticiamos num dos nossos números de Setembro que a Casa dos Poveiros do Rio de Janeiro, havia realizado um festival no seu foimoso parque. Desse festival — em sorteio então levado a efeito — haveria uma viagem a Portugal em avião, que cobria a um feliz oremitado da noite.

Teve essa felicidade a sr.ª D. Glória Gonçalo Joaquim, senhora muito devotada áquela nossa Casa que frequenta com seu marido e filha — a sr.ª D. Glotmar Joaquim, que foi, há anos, eleita por um anno, rainha da Casa dos Poveiros.

A illustre senhora ficou, como não podia deixar de ser, entusiasmada com a notícia que lhe transmitiram, e eis que tomando um avião no Aeroporto do Galeão, veio a Portugal matar saudades e rever uma vez mais, pessoas de família e amigos. Visitou-nos nos poucos dias depois da sua chegada, e para cumprir a promessa que nos havia feito, voltou de novo á Póvoa, onde lhe mostramos os principais pontos.

Aproveitamos o ensejo para lhe fazermos algumas perguntas, e começamos, como não podia deixar de ser...

— Como recebeu a feliz notícia da vinda a Portugal, D. Glória?
— Ora, como devia receber, entusiasmada e contente. Quis que

disse-nos a sr.ª D. Glória Gonçalo Joaquim, que teve a felicidade de ser contemplada com uma viagem a Portugal, de avião

fosse meu marido ou minha filha a fazerem esta encantadora viagem, mas num sorteio que fizemos entre os três, fui eu a contemplada.

— D. Glória é natural de...

— ... Penafiel e meu marido de Valença. Fui para o Brasil com 6

Continua na página 4

5.ª coluna

O dia de segunda-feira — 1 de Novembro — é o dia Universal consagrado aos mortos. Em toda a parte se cultiva esse sentimento, não os esquecendo pelo menos em um dia por ano. No nosso Campo Santo — o Campo onde todos são iguais — não há quem não tenha uma pessoa de família, um amigo, um companheiro. Todos temos ali alguém que muito nos quis em vida e que nós, por nossa parte, retribuimos o melhor que podemos e sobemos, sentimento esse que perdurará pelos tempos fora. *A Vida* não é eterna — diz-se, e com razão. E quando menos se espera a Morte ronda-nos, espereita todos os nossos movimentos para nos lançar, no momento oportuno, as suas garras tenebrosas. Pode haver quem leve uma vida faustosa, liberta de preocupações, ou atribulada, sem saber o que o espera no dia de amanhã; pode haver quem habite ricos palácios e também modestas choupanas; pode haver iguarias na mesa do rico e uma cõdea de negro pão na mesa tosta do pobre. Mas ali, no Cemitério, dentro das quatro paredes que o homem ergeu, todos são iguais e passarão — quantas vezes! — a viver muito juntos, ricos e pobres. Todos têm no dia 1 de Novembro, lumes e flores — flores orvalhadas com lágrimas de muita saudade e muita amargura saídas de olhos já cansados de tanto chorar. Não fallarão nem lumes nem flores. E se é verdade que os mortos mandam, sabemos desempenhar na terra uma missão mais nobre. Saibamos cumprir o que eles nos determinam do além túmulo. Quer dizer: sejamos mais humanos, mais justos e mais compreensivos para com aqueles que requerem o nosso auxilio e que nada fizeram para terem de arrastar, indelentemente, uma vida cheia de escolhos e de espinhos. Só assim a Humanidade será mais bela, e então a vida não poderá deixar de ser mais bem vivida.

JOÃO DA VARZEA

Curso de Francês

Vão ter inicio na próxima sexta-feira, no Posto de Turismo, das 18 às 20 horas, as primeiras lições do Curso de Francês — uma organização do Rotary Clube da Póvoa.

As lições, são de futuro às terças e sextas-feiras, á hora e no local acima indicados.

Continuam abertas as inscrições para este curso e para o curso de inglês.

Ego conjungo vos...

por AUGUSTO DIAS

E o convite chegou amável. Dia 24, casamento no Mosteiro de Leça do Balio.

Era o enlace do Mário No-gueira Ramos com uma rapariga de Gião.

Foi celebrante o P.ª Manuel, de S. Tiago, e eu que já tinha ouvido a missa das 7, quase passei a cerimónia inteira a rememorar o passado.

Há 28 anos cheguei á Póvoa. Na Praça do Almada o velho Casanova tinha uma loja de fezen-

das. Ainda lhe comprei os últimos colarinhos engomados, já em desuso, mas que eu, habituado ao cabeção, julgava a grande moda.

Um dia passou a loja ao José Ramos e, desde o primeiro dia, fui seu cliente. Todos os meses dou 150\$00 por conta de quanto leveo para mim, para os meus sobrinhos e para os meus caseiros.

Continua na página 2

